

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA
TRABALHO DE MONOGRAFIA II

LAURA SALDANHA FERNANDES

**A FORMAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO E A INTEGRALIDADE NO CUIDADO À
POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: uma revisão integrativa**

Porto Alegre
2023

LAURA SALDANHA FERNANDES

**A FORMAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO E A INTEGRALIDADE NO CUIDADO À
POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: uma revisão integrativa**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Leila Rechenberg

Porto Alegre

2023

LAURA SALDANHA FERNANDES

**A FORMAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO E A INTEGRALIDADE NO CUIDADO À
POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: uma revisão integrativa**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para obtenção do título em Bacharel em Fonoaudiologia no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 10 de Abril de 2023.

Profa. Dra. Ana Paula Ramos de Souza
Coordenador da COMGRAD Fonoaudiologia

Banca Examinadora

Leila Rechenberg, Doutora.
Orientadora – UFRGS

Alexandre H. Lessa, Doutor.
Examinador - UFRGS

Fabiana de Oliveira
Examinadora – UFCSPA

Dedico este trabalho aos meus irmãos, Anderson e Thays, que não só me ensinaram que o estudo é libertador, como me deram todas as ferramentas necessárias para que este sonho se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Heloísa, que me criou e inspirou a seguir os passos dela: independente, esforçada e batalhadora. Que ensinou que o estudo é a única coisa que ninguém consegue tirar de ti.

À Soninha, que não está mais neste plano conosco, mas que sei que de onde estiver, está orgulhosa de onde eu cheguei.

Aos meus irmãos, Anderson e Thays, por estarem sempre ao meu lado, me incentivando estudar, mas sempre seguindo meu coração para conquistar minha felicidade e independência.

Aos pais que a vida me deu, Luciana, Gerson e Audry, que sempre disseram que eu sou maior do que qualquer dificuldade e obstáculos. Que me levaram e buscaram diversas vezes em aulas e estágios, e estiveram de mãos dadas comigo até este momento.

À minha namorada, e inspiração desse trabalho, que me faz ser forte para confrontar um mundo que está sempre disposto a tentar apagar a nossa existência. Para ela, todo o meu amor, além da vida.

À minha psicóloga Andressa, que foi essencial para manter meu foco, concentração, planejamento e saúde mental em dia durante esses últimos anos de curso.

À professora Leila Rechenberg, que com todo o carinho e disposição, abraçou este projeto comigo, compartilhando conhecimentos e saberes que ficarão para sempre.

Aos queridos examinadores, Prof. Alexandre, e Fabiana, que prontamente aceitaram contribuir com a elaboração deste trabalho.

Aos amigos que a UFRGS me presenteou; aos que estiveram aqui desde o começo, e aos que chegaram depois, mas que se tornaram parte importante da minha história. Obrigada por terem sido meus salvadores, ombros amigos e compartilharem também os momentos felizes ao meu lado.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram que eu era capaz, mesmo quando nem eu acreditei. Sem vocês, eu não teria conseguido.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	07
INTRODUÇÃO	09
MÉTODO	11
RESULTADOS	12
E1- Crenças, preconceitos e percepções dos estudantes	14
E2 – Intervenções rápidas	16
E3 – Análises de currículos já existentes	17
E4 – Propostas de intervenção e mudanças em currículos já existentes	17
DISCUSSÃO	21
Limitações do estudo	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

RESUMO

Objetivo: compreender se existem estudos que contemplem a formação dos profissionais da saúde para atuar com a diversidade sexual e de gênero. **Método:** revisão integrativa, com buscas realizadas nas bases de dados SciELO, Embase, PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, sem delimitação de tempo e língua, abordando o ensino em saúde do referido grupo populacional nos cursos de ensino superior em saúde. **Resultados:** foram incluídos 32 artigos nesta revisão. **Conclusão:** as instituições formadoras não possuem, ainda, programas de formação profissional adequados e abrangentes em relação à diversidade sexual e de gênero. Ainda são muito presentes estigmatizações e preconceitos em diversas áreas da saúde, sendo necessário mudar esse cenário.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero; Fonoaudiologia; Currículo; Capacitação Profissional; Saúde.

ABSTRACT

Objective: to understand whether there are studies that address the training of speech therapists to work with sexual and gender diversity. **Method:** an integrative review, with searches carried out in the SciELO, Embase, PubMed, Virtual Health Library (VHL), and Digital Library of Theses and Dissertations databases (DLTD), until October of 2022, without language delimitation, addressing the teaching of health care for this population group in higher education health courses. **Results:** 32 articles were included in this review. **Conclusion:** the training institutions still do not have adequate and comprehensive professional training programs regarding sexual

and gender diversity. Stigmatization and prejudices are still very present in various areas of health, and it is necessary to change this scenario.

Keywords: Sexual and Gender Minorities; Speech; Language and Hearing Sciences; Currículo; Professional Training; Health.

INTRODUÇÃO

Desde sua criação, o SUS é regido por três princípios doutrinários: universalidade, integralidade e equidade, visando atender às necessidades específicas de cada indivíduo, de forma personalizada e compreendendo o paciente como um todo, incluindo o contexto social em que ele está inserido. Para garantir que os pilares do sistema de saúde pública sejam cumpridos em sua totalidade, precisa-se pensar no contexto desde a fonte: a formação dos profissionais em saúde. É durante a graduação que o aluno deve ser inserido no contexto da diversidade.

A sigla LGBTQIAPN+ é utilizada para se referir aos indivíduos que não correspondem à ideia social pré-determinada com relação ao gênero e à sexualidade. Os gêneros socialmente estabelecidos ao nascer são: feminino e masculino, e são automaticamente designados à pessoa, antes mesmo de nascer. No que diz respeito à sexualidade, espera-se que o indivíduo corresponda à heteronormatividade, isto é, atrair-se pelo gênero oposto ao seu¹.

A literatura vem dando voz à diversidade sexual e de gênero no campo de formação dos profissionais de saúde, mas, em contraponto, evidências disponíveis têm demonstrado piores resultados de saúde entre as pessoas LGBTQIAPN+ em comparação com a população em geral². Com isso, vê-se que ainda há carência de abordar determinados aspectos pertinentes ao tema, como a violência, menor expectativa de vida, preconceito, parentalidade LGBTQIAPN+, etc.

A falta de formação oferecida sobre o tema da diversidade sexual e de gênero nos cursos de graduação na área da saúde se mostra como sendo fruto do contexto social que se baseia em conceitos e debates que voltam sempre às origens da heterocisnormatividade³. Na saúde, cada vez mais tem se explorado tópicos sobre

as especificidades da população LGBTQIAPN+ e sobre a dificuldade de acesso que este público possui ao se deparar com o sistema de saúde brasileiro. Apesar de ser um assunto constantemente levantado em debates universitários, os currículos dos cursos parecem carecer de disciplinas específicas que tratem da vivência imersa na diversidade, de forma que o profissional em formação trabalhe a empatia, e seja adequadamente capacitado para atuar atendendo a este público dentro de todas as suas singularidades. Alguns cursos da área da saúde, como a medicina, já contam com Diretrizes Nacionais Curriculares (DCNs) que exigem que a pauta da saúde LGBTQIAPN+ seja inserida nas grades curriculares do curso⁴. No entanto, apesar de necessário, esse processo rumo ao avanço tem se mostrado lento, levando em consideração que são poucos os cursos que têm a obrigatoriedade de implementar a diversidade sexual e de gênero em seus currículos, como é o caso do curso de Fonoaudiologia. Ainda são escassos, na formação acadêmica do profissional fonoaudiólogo, materiais que compreendam a pessoa LGBTQIAPN+. É necessário reafirmar a integralidade como pilar do SUS e ampliar a abrangência da graduação em fonoaudiologia com uma boa estruturação curricular que capacite e habilite estes futuros profissionais para atuar na saúde LGBTQIAPN+.

Tendo em vista a labilidade do tema e debates que permeiam os meios sociais atuais e o cenário da saúde no país, cria-se o seguinte questionamento a ser abordado nessa pesquisa: a universidade capacita os profissionais de fonoaudiologia para que estes atuem na atenção à saúde LGBTQIAPN+ de forma a cumprir o seu papel de garantir a integralidade? Para que se possa responder a esta pergunta, o presente estudo tem como objetivo compreender se existem estudos que contemplem a formação dos profissionais da saúde para atuar com a diversidade sexual e de gênero.

MÉTODO

A presente pesquisa trata de uma revisão integrativa. Foram utilizadas as bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), SciELO, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), PubMed e EMBASE, respeitando o uso dos descritores específicos de cada base de busca. Serão eles: MeSH, para PubMed, Emtree, para o EMBASE, DECs, para a BDTD, BVS e SciELO. A expressão de busca foi construída com o auxílio dos operadores booleanos AND e OR, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1- Quadro de expressões de busca

Base de dados	Sintaxe de busca
BDTD	((“Minorias Sexuais” OR “Minorias de Gênero” OR “LGBT” OR “LGBTQ” OR “LGBTQIA+” OR “Minorias Sexuais e de Gênero” OR “Comportamento Sexual”) AND (“Transtornos do Desenvolvimento Sexual” OR “Transexualidade” OR “Transgênero” OR “pessoa trans”)) (((Ensino OR Educação OR currículo OR avaliação OR formação))) Profissional em Saúde)
BVS	(“Minorias Sexuais” OR “Minorias de Gênero” OR “LGBTQIA+” OR “Minorias Sexuais e de Gênero” OR “Comportamento Sexual” OR “Transtornos do Desenvolvimento Sexual” OR “Transexualidade” OR “Transgênero”) AND (Ensino OR Educação OR currículo OR avaliação OR formação) AND (Saúde)
Embase	('LGBTQIA+ people' OR 'Sexual orientation' OR 'Gender identity' OR 'sexual and gender minority' OR 'transgender' OR 'lesbianism' OR 'disorder of sex development') AND ('education' OR 'curriculum' OR 'medical school' OR 'residency education' OR 'learning' OR 'lifelong learning' OR 'curricula' OR 'lgbt medical education') AND ('health care personnel' OR 'health care need' OR 'health care delivery' OR 'health personnel attitude' OR 'medical care')
PubMed	(Sex and Gender Minority OR Disorders of Sex Development OR Transsexualism OR Transgender Persons) AND (Education, Medical, Undergraduate[mh] OR Education, Public Health Professional OR Health Education[mh]) AND (Teaching[mh] OR Teaching[tw] OR Curriculum[mh])
SciELO	(Minorias Sexuais OR Minorias de Gênero OR pessoa LGBT OR LGBTQIA+) AND (Ensino OR Educação OR currículo OR avaliação OR formação) AND (saúde)

Os critérios de inclusão foram: artigos que tratassem da temática da população LGBTQIAPN+ nos cursos de graduação em saúde, estudos que abordaram a atenção LGBTQIAPN+ em cursos de graduação em saúde, em

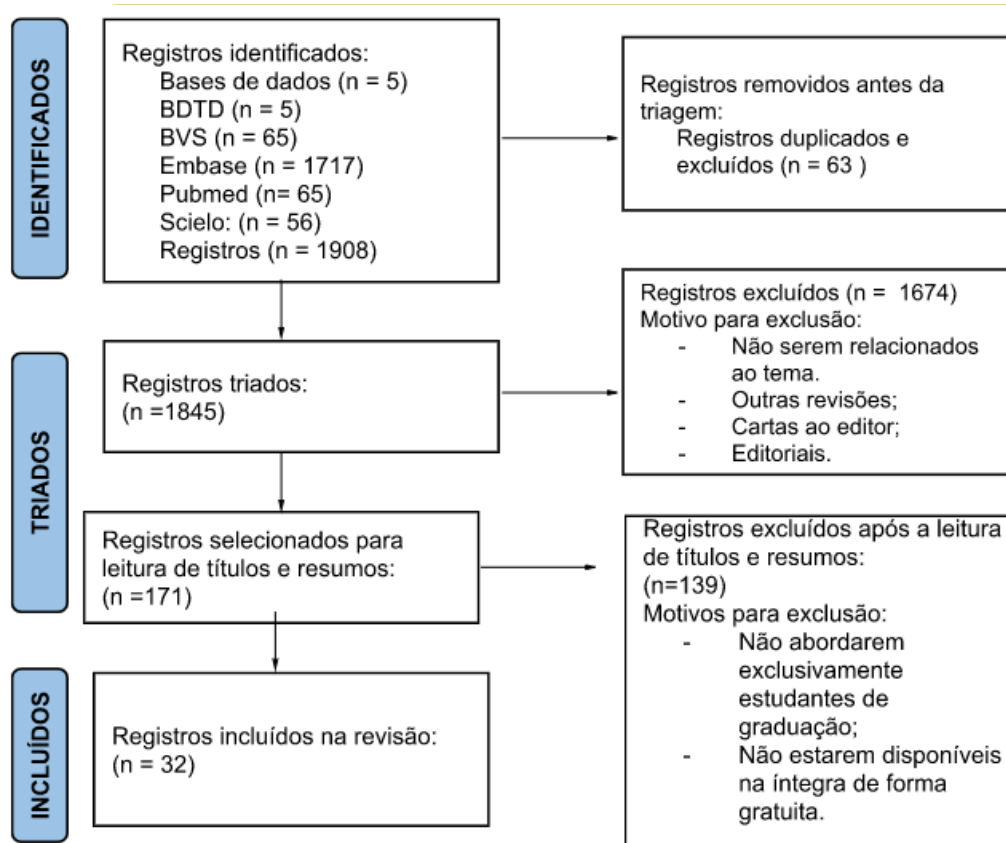
qualquer língua e publicados até Outubro de 2022. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão, editoriais, cartas ao editor.

Para descrever o processo de busca, utilizou-se o fluxograma indicado no PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises)⁵. Para a análise dos dados, um quadro foi elaborado, permitindo a sintetização das informações relevantes aos estudos. Para a construção deste material, reuniu-se as seguintes informações: título, autor(es), ano de publicação, objetivo, método e resultado (Figura 1).

RESULTADOS

Inicialmente, foram recuperados 1908 estudos nas bases de dados selecionadas. Sessenta e três artigos foram excluídos por duplicidade, restando 1845 estudos. A partir deste resultado, 1674 estudos foram excluídos por não serem relacionados ao tema, serem outras revisões, cartas ao editor ou editoriais, e outros 171 artigos passaram para a etapa de leitura de resumos. Destes, dez artigos foram excluídos por não estarem disponíveis na íntegra, e outros 139 não abordaram somente estudantes de graduação. Após este processo, o último passo deu-se pela leitura completa do artigo, resultando nos 32 artigos que compõem esta análise.

Figura 1 - Fluxograma PRISMA das etapas de busca e seleção dos artigos analisados



Fonte: dados da pesquisa.

Esse estudo se propôs a compreender se existem estudos que abordem a temática da diversidade sexual e de gênero na formação em fonoaudiologia, de maneira com que possibilite ao profissional uma formação qualificada para atuar no sistema de saúde, cumprindo seu papel de garantir a integralidade do cuidado. No entanto, ao longo das buscas, depara-se com a inexpressividade de estudos na área de fonoaudiologia sobre a temática da formação, contando com apenas um estudo. Portanto, esta análise optou por englobar estudos publicados até Outubro de 2022, que abordassem o tema da diversidade sexual e de gênero na formação acadêmica de futuros profissionais da saúde.

A heterogeneidade dos tópicos e dos métodos utilizados nos artigos impediu a comparação dos dados em apenas um eixo. Dessa forma, os achados foram separados em quatro eixos temáticos, visando uma melhor compreensão dos resultados encontrados, sendo eles: E1 - Crenças, preconceitos e percepções dos estudantes (quatorze artigos). E2 - Intervenções rápidas como palestras, reuniões, workshops (dez artigos). E3 - Análises de currículos já existentes (três artigos). E4 - Propostas de mudanças e acréscimos de currículos específicos LGBTQIAPN+ (cinco artigos).

Título	Autor	Ano
Heteronormativity in health care education programs	Röndahl G.	2011
Sexual and gender minority health in medical curricula in new England: a pilot study of medical student comfort, competence and perception of curricula	Zelin NS, Hastings C, Beaulieu-Jones BR, Scott C, Rodriguez-Villa A, Duarte C, et al.	2018
Observed Deficiencies in Medical Student Knowledge of Transgender and Intersex Health	Liang JJ, Gardner IH, Walker JA, Safer JD	2017
Medical students' perceptions of their preparedness to care for LGBT patients in Taiwan: Is medical education keeping up with social progress?	Lu PY, Hsu ASC, Green A, Tsai JC	2022
Prelicensure Baccalaureate Nursing Students' Attitudes, Beliefs, and Willingness to Care for Transgender Clients	Mckay M, De Santis J, Valdes B, Salani D	2022

Attitudes towards and knowledge about homosexuality among medical students in Zagreb	Grabovac I, Abramović M, Komlenović G, Milosević M, Mustajbegović J	2014
Nursing and medical students' attitude, knowledge and beliefs regarding lesbian, gay, bisexual and transgender parents seeking health care for their children	Chapman R, Watkins R, Zappia T, Nicol P, Shields L	2011
The attitudes of the undergraduate nursing students towards lesbian women and gay men	Unlu H, Beduk T, Duyan V	2016
A National Study of Medical Students' Attitudes Toward Sexual and Gender Minority Populations: Evaluating the Effects of Demographics and Training	Bunting SR, Chirica MG, Ritchie TD, Garber SS, Batteson TJ	2021
Estudantes de enfermagem relativamente à comunidade LGBT: conhecimentos, atitudes e competência cultural	Carvalhais M, Portovedo D, Oliveira M, Barbosa R, Costa S, Santos A, Torres A	2020
Predicting Trans-Inclusive Attitudes of Undergraduate Nursing Students	Brown C, Keller CJ, Brownfield JM, Lee R	2017
The LGBT community-what healthcare professional students think	Ramachandran G, Aung KKM	2019
Clinical Exposure to Transgender Medicine Improves Students' Preparedness Above Levels Seen with Didactic Teaching Alone: A Key Addition to the Boston University Model for Teaching Transgender Healthcare	Park JA, Safer JD	2018
Using Simulation With Nursing Students to Promote Affirmative Practice Toward the Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Population: A Multisite Study	Maruca AT, Diaz DA, Stockmann C, Gonzalez L	2018

A student-led introduction to lesbian, gay, bisexual, and transgender health for first-year medical students	Grosz AM, Gutierrez D, Lui AA, Chang JJ, Cole-Kelly K, Ng H	2017
Acceptability and Preliminary Efficacy of a Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender-Affirmative Mental Health Practice Training in a Highly Stigmatizing National Context	Lelutiu-Weinberger C, Pachankis JE	2017
Incorporating LGBT Health in an Undergraduate Medical Education Curriculum Through the Construct of Social Determinants of Health	Cooper MB, Chacko M, Christner J	2018
Classroom Instruction: Medical Students' Attitudes Toward LGBTQI+ Patients	Sanchez K, Abrams MP, Khallouq BB, Topping D	2021
Transgender health education for pharmacy students and its effect on student knowledge and attitudes	Bear MD, Mukherjee SM, Goldsmith CAW	2021
A first step in addressing medical education Curriculum gaps in lesbian-, gay-, bisexual-, and transgender-related content: The University of Louisville Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Health Certificate Program	Sawning S, Steinbock S, Croley R, Combs R, Shaw A, Ganzel T	2017
Answering the Call: Educating Future Nurses on LGBTQ Healthcare	Elertson K, McNeil PL	2020
Medical students' knowledge of and attitudes towards LGBT people and their health care needs: Impact of a lecture on LGBT health	Wahlen R, Bize R, Wang J, Merglen A, Ambresin AE	2020
A cross-sectional survey evaluating transgender-related care education in United States pharmacy school curricula	Eckstein MA, Newsome CC, Borrego ME, Burnett A, Wittstrom K, Conklin JR	2019

Saúde da população LGBT+: a formação em fisioterapia no cenário dos direitos humanos	Lima GP de, Soeiro ACV, Lira SCS	2021
Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Health Education in Healthcare Professional Graduate Programs: A Comparison of Medical, Nursing, and Pharmacy Students	Bleasdale J, Wilson K, Aidoo-Frimpong G, Gabriel SJ, Przybyla SM	2022
A Simple Curriculum Content Change Increased Medical Student Comfort with Transgender Medicine	Safer JD, Pearce EM	2013
Using a Retreat to Develop a 4-Year Sexual Orientation and Gender Identity Curriculum	Ton H, Eidson-Ton WS, Iosif AM, Sitkin N, Henderson S, Callahan EJ	2016
Evaluation of a gender-affirming healthcare curriculum for second-year medical students	Thompson H, Coleman JA, Iyengar RM, Phillips S, Kent PM, Sheth N	2019
Transgender and gender diverse health education for future nurses: Students' knowledge and attitudes.	Sherman ADF, McDowell A, Clark KD, Balthazar M, Klepper M, Bower K	2021
Formação de estudantes dos cursos de enfermagem, medicina e odontologia sobre saúde de pessoas LGBTI+: análise das diretrizes curriculares nacionais e desenvolvimento de instrumento para sua avaliação no currículo	Leiria M	2022
Supplemental curriculum in LGTB healthcare at New York University School of Medicine	Cox B, Rosendale N, Avery A, Greene R.	2011
LGBT Patients and Families Health Issues: Medical Students' Attitudes and the Inclusivity of Medical School	Nama N, MacPherson P, Sampson M, McMillan HJ	2018

E1 - Crenças, preconceitos e percepções dos estudantes

Neste eixo, grande parte dos estudos encontrados foi conduzida por meio de entrevistas e questionários, que visam compreender, de forma geral, como os estudantes dos diversos cursos da saúde se sentem com relação à população LGBTQIAPN+, bem como identificar preconceitos persistentes, estigmatizações e dificuldades em lidar com a diversidade sexual e de gênero.

Röndahl⁶, por meio de entrevista semi-estruturada, conduziu um estudo com uma amostra de 8 participantes, os quais afirmaram que os LGBTQIAPN+ são uma população invisibilizada, e que a heteronormatividade ainda predomina nos cursos de medicina e enfermagem, assim como Nama³⁷, que mesmo reconhecendo um alto conhecimento por parte dos alunos, relata que o currículo dos cursos de medicina costumam ser heterocentros.

Zelin⁷, ressalta a dificuldade que os alunos referem ao tratarem diretamente com a população transgênero, onde 76,7% dos alunos que responderam às pesquisas dizem sentirem-se incompetentes nos cuidados com minorias de gênero, e afirmam que o currículo não atende aos tópicos específicos deste público, apesar de 68,4% se sentirem confortáveis em atendê-los. Como complemento, Liang⁸ também retratam menor índice de conforto em atender pacientes transgênero e intersexuais do que assistenciar pacientes LGB em geral, em decorrência da falta de domínio, enquanto Lu⁹ expressa a ampla aceitação social dos estudantes em lidar com indivíduos LGBTQIAPN+, mesmo que estes não possuam certeza da abordagem correta ao comunicarem-se com os pacientes, ressaltando que apesar da boa aceitação, algumas estigmatizações e preconceitos ainda podem estar

presentes; McKay¹⁰ traz um relato onde somente um estudante não se mostrou disposto a realizar cuidados genitais em pacientes homoafetivos.

Nos achados de Grabovac¹¹, foi possível concluir que a maioria dos estudantes abordados possuía atitudes negativas com relação à população LGBTQIAPN+. Apesar da considerável negativa, mulheres apresentam melhores resultados quando se trata de aceitação e atitudes positivas com este público.

Chapman¹² encontraram em suas pesquisas, com estudantes de medicina e enfermagem, resultados que afirmam que a atitudes e conhecimentos com relação às questões sexuais e de gênero estão significativamente ligadas com o grupo étnico, racial, religioso e social em que o estudante se encontra, da mesma forma que nos resultados encontrados por Unlu, Beduk e Duyan¹³, que também descreve que alunos com estilos de vida livres se mostraram extremamente positivos aos homossexuais. Bunting¹⁴, apesar de ter feito sua coleta em um tempo significativamente distante dos autores citados acima, encontra resultados semelhantes, onde apesar de a maioria dos estudantes ter atitudes positivas, em especial as mulheres, a religiosidade foi um fator influenciador para as atitudes negativas. Também em 2020, Carvalhais¹⁵ encontraram variáveis de risco parecidos para atitudes discriminatórias, resultantes do cenário social em que o indivíduo está inserido, como ser residente de meios rurais, não ter familiaridade com LGBTQIAPN+, baixa escolaridade e até mesmo a orientação heterossexual. Bem como Brown¹⁶ afirma que pessoas que conhecem indivíduos transgênero, ou já receberam algum tipo de informação educacional sobre a saúde dessa comunidade, são mais confiantes em fornecer cuidados e sentirem-se competentes na atuação.

No artigo de Ramachandran e Aung¹⁷, apenas 27,5% dos estudantes documentaram atitudes positivas com relação à população LGBTQIAPN+. Afirma-se

que a filosofia de vida e identidade sexual e de gênero foram os fatores que guiaram as respostas dos estudantes, demonstrando que religião e etnia não tiveram influência nos dados encontrados.

E2 - Intervenções rápidas

Os estudos encontrados neste eixo resumem-se, em sua maioria, em intervenções rápidas, com questionários pré e pós intervenção, realizadas durante a formação nos cursos de saúde. Intervenções essas que são: palestras, workshops e rodas de conversa com o intuito de elucidar e debater questões da população LGBTQIAPN+ como uso de pronomes, o que são pessoas intersexuais e transgênero, no que consiste cada letra da sigla, etc.

Park e Safer¹⁸, em suas pesquisas, encontraram resultados positivos, de aumento no conforto e conhecimento para com lésbicas, gays e bissexuais, bem como a ampliação significativa do conhecimento específico ao manejo de pacientes transgênero, que passa de 0% a 85%, após palestras de conteúdo específico LGBTQIAPN+. Maruca¹⁹ usaram uma simulação de caso de paciente transgênero, em um estudo pré-pós, e sugere que a prática foi positiva para o conhecimento dos estudantes do curso ao lidarem com estes pacientes. Desfechos parecidos foram encontrados por Grosz²⁰, Lelutiu-Weinberg e Pachankis²¹, Cooper, Chacko e Christner²², Sanchez²³ e Bear, Mukheriee e Goldsmith²⁴ que também relataram mudanças significativas, como aumento do conhecimento e diminuição de atitudes homo e transfóbicas. Este último, ainda descreve que pessoas do sexo feminino e as que possuem contato com pessoas LGBTQIAPN+ já achavam, antes da exposição ao conteúdo, que discutir a saúde deste grupo não é um problema. Sawning²⁵ utilizou um treinamento em uma faculdade de medicina, e com um teste

pré-pós, relata o aumento significativo de atitudes positivas, e destaca que os alunos reconheceram, somente após a intervenção, uma limitação para conduzir casos quando se tratando de pessoas LGBTQIAPN+. Elertson e McNiel²⁶ realizaram uma pesquisa com o objetivo de melhorar o conhecimento de futuros enfermeiros sobre a saúde das minorias sexuais e de gênero; no entanto, os autores não descrevem de que forma intervieram entre o pré e pós da pesquisa, apenas descrevem ter obtido resultados positivos com relação à consciência e confiança para planejar ações pertinentes à saúde LGBTQIAPN+. Já no estudo de Wahlen²⁷, o cenário prévio à intervenção já era bastante positivo. Dos alunos, 13,7% se consideram LGBTQIAPN+, o que pode ter influenciado nesse cenário. Ainda assim, é possível observar mudanças após a palestra ministrada, aumentando ainda mais os índices de conhecimento e conforto.

E3 - Análises de currículos já existentes

Este eixo se propôs, em sua maioria, a analisar de que forma os currículos já existentes abordam a temática LGBTQIAPN+, bem como frisar o que ainda precisa ser modificado, melhorado ou carece de ser explorado.

Eckstein²⁸ identificam - especialmente quando se trata da população transgênero e travesti - lacunas durante a graduação, onde menos da metade dos currículos analisados abordaram de forma obrigatória a compreensão das minorias de gênero. Assim como Lima, Soeiro e Soares²⁹ e Bleasdale³⁰ evidenciam cenários de carência de tópicos inclusivos relacionados à saúde do paciente LGBTQIAPN+, e explicitam a necessidade de envolver este público na formação acadêmica.

E4 - Propostas de intervenção e mudanças em currículos já existentes

O eixo quatro mostra estudos que propõem mudanças em currículos que já possuem pautas LGBTQIAPN+ em seus currículos, mas ainda precisam ser aprofundados, ou ainda não têm. Parte dos estudos criaram pilotos para implementação de ementas curriculares que abordem a diversidade sexual e de gênero, e testaram sua aplicabilidade.

Safer e Pearce³¹ trazem uma comparação entre alunos do segundo ano de medicina, expostos durante um mês a um currículo modificado, e os demais alunos apresentados ao currículo tradicional da universidade. Inicialmente, boa parte dos alunos (38%) relataram desconforto ao cuidar de pacientes transgênero, e 5% disseram que o tratamento hormonal não deveria ser considerado parte da medicina convencional. Essa opinião era comum aos alunos do segundo ano, antes de passarem pela modificação curricular. No entanto, após as aulas, os estudos registraram uma queda de 67% no desconforto e nenhum deles permaneceu com a opinião negativa em relação às questões de hormonização. Esse estudo evidencia a importância da curricularização de pautas LGBTQIAPN+, assim como Ton³² que trazem, também, uma alternativa a estes desafios que encaramos na universidade. Em sua pesquisa pré-pós, mostram que estruturando um currículo específico, de longo prazo, visando trabalhar particularidades desta comunidade, surtem efeitos positivos, melhorando significativamente a confiança, conhecimento e preparo no cuidado às orientações sexuais e de gênero. Thompson³³ investiga as competências com relação à identidade de gênero, e propõe um currículo com cinco módulos online, um questionário, um workshop de estudos de caso, com três horas de duração, além de painéis interativos de duas horas com dados de pacientes. Utilizando pesquisas pré-pós, pôde afirmar que as estatísticas melhoraram consideravelmente se tratando de competência de gênero, habilidades e

conhecimento com a população transgênero, incluindo a interpretação de pronomes. No entanto, relata que o interesse em estudar e adquirir conhecimento para atender esta comunidade continua baixo. Resultado similar encontrou Sherman³⁴, que descrevem um cenário levemente melhor após a exposição ao conteúdo de gênero, mas relata que a sensibilidade dos estudantes permaneceu baixa, demonstrando que ainda há espaço para melhorias curriculares. Leiria³⁵ tenta inserir a Fonoaudiologia em um projeto para avaliar a capacitação dos estudantes de graduação para atuar na saúde LGBTQIAPN+, mas acaba por não inserir o curso nos resultados finais, criando este objeto de avaliação apenas para os cursos de Medicina, Enfermagem e Odontologia.

O estudo de Cox³⁶ se enquadrou entre E3 e E4, já que em sua pesquisa analisou o currículo padrão da universidade, chegando à conclusão de que o curso de medicina analisado não possuía conteúdo o suficiente para fornecer habilidades completas ao trabalhar com a população LGBTQIAPN+ e suas necessidades; e neste mesmo estudo desenvolveu um currículo suplementar tendo em vista preencher estas lacunas na formação. Este currículo envolve análise do histórico psicossocial, triagem e acolhimento, visando abranger as necessidades específicas destes pacientes.

DISCUSSÃO

Compreender a opinião e as crenças dos alunos dos cursos da saúde com relação à diversidade sexual e de gênero é o primeiro passo para identificar lacunas na formação. Com isso, é possível traçar um perfil que irá guiar os próximos passos rumo à revolução na forma de ensinar saúde. Não coincidentemente, é o primeiro eixo que concentra a maior parte dos estudos encontrados, o que ressalta que o debate sobre a importância de pautas LGBTQIAPN+ nos currículos de graduação em saúde é algo relativamente recente. No entanto, chama a atenção o fato de que este grupo conta com estudos a partir do ano de 2011, mas concentra a maior parte entre os anos de 2018 e 2020, ressaltando a incipiência do tema e a urgência em avançar logo.

A discussão acerca da identidade de gênero, orientação sexual e especialmente no que tange à atenção à saúde da pessoa LGBTQIAPN+ ainda é negligenciada no projeto pedagógico dos cursos da área da saúde, como sugerem Røndhal⁶ e Nama³⁷ ao afirmarem que o currículo dos cursos de medicina são heterocentros. As pesquisas que se propõem a desbravar os currículos acadêmicos dos cursos de saúde, evidenciam cenários de carência de tópicos relacionados à saúde do paciente LGBTQIAPN+, explicitando a necessidade de envolvê-los na formação acadêmica.^{28, 29, 30}

Hancock e Haskin³⁸ ressaltam a invisibilização da população transgênero nos currículos do curso de fonoaudiologia, destacando, também, que apesar de uma boa aceitação com estes pacientes, os alunos não sentem que possuem conhecimento

suficiente para atuar em questões específicas da população trans. Apesar dos esforços dos grupos sociais, e leis que criminalizam a homofobia e a transfobia desde 2019, o Brasil continua sendo líder quando se fala em violência contra pessoas transgênero. Sendo, pelo décimo quarto ano seguido, o país que mais mata transsexuais e travestis no mundo³⁹. O que mostra que, sendo um país que tem como princípio doutrinário do Sistema de Saúde, a integralidade, ainda estamos longe de alcançar este objetivo. Os estudantes de saúde, embora demonstrem atitudes positivas em sua maioria, transparecem a carência de preparo específico que permita que estes futuros profissionais estejam devidamente capacitados para atender e acolher as particularidades de uma população marginalizada.^{7, 8} Safer e Pearce³¹ destacam o mesmo problema nos cursos de medicina, porém reforçam, com seus resultados, a necessidade das intervenções curriculares, que se mostraram positivas e elucidativas, sendo capazes de melhorar a qualidade da informação e diminuir o preconceito direcionado aos transgêneros.

Ainda que haja um número significativo de atitudes positivas relacionadas aos LGBTQIAPN+ por parte dos alunos, resta uma parcela expressiva de estudantes com preconceitos e falta de tato com o tema.^{11, 17} Indo ao encontro deste pensamento, Chapman¹², Unlu; Beduk; Duyan¹³, Brown¹⁶ e Bunting¹⁴ chamam a atenção para a relação direta da intolerância proveniente dos meios socioculturais, demonstrando que em diversos pontos ainda estamos falhando como sociedade.

Os estudos encontrados ainda investigam ou intervêm de forma superficial a abordagem dos temas, considerando que grande parte da literatura encontrada trata de intervenções rápidas durante a formação, como palestras e workshops, com uma estrutura pré-pós intervenção. Com isso, é possível afirmar que a introdução do conceito equidade nas DCNs não está sendo suficiente para que uma mudança

curricular significativa se dê de forma imediata, de forma que supra as pautas essenciais à formação do profissional para atuar na diversidade sexual e de gênero.

A inclusão deve ir além de um conceito, sendo um princípio norteador da formação em saúde. O interesse em estudar e adquirir conhecimento para atender esta comunidade continua baixo.^{33, 34} Este dado é alarmante, demonstrando que ainda há espaço para melhorias curriculares. Um currículo específico, de longo prazo, visando trabalhar particularidades desta comunidade, surtem efeitos positivos, melhorando significativamente a confiança, conhecimento e preparo no cuidado às orientações sexuais e de gênero.^{32,36}

Além disso, apenas um dos estudos encontrados nesta revisão é do curso de Fonoaudiologia, e de produção brasileira. O objetivo do projeto era avaliar as Diretrizes dos cursos de Odontologia, Enfermagem, Medicina e Fonoaudiologia e criar um instrumento avaliativo sobre a formação e cuidados LGBTQIAPN+. No entanto, em sua versão final, publicada, apenas os três primeiros cursos foram explorados, tendo a fonoaudiologia sido apenas citada para fins de catalogação dos cursos com DCNs definidas.³⁵

O artigo 196 da Constituição Federal assegura que a saúde é um direito de todos e dever do Estado. No entanto, atualmente, a fim de precisar ainda mais o termo, é utilizado com o sentido aliado à justiça social. A Política Nacional de Saúde Integral LGBT+ está embasada nos princípios assegurados na Constituição Federal de 1988 (CF/88), que garantem a cidadania e dignidade da pessoa humana (BRASIL, 1988, art. 1.º, inc. II e III).

No ano de 2014, as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Medicina do Brasil destacam a necessidade da inclusão dos temas gênero e sexualidade nos currículos dos cursos de Medicina.⁴ No entanto, em outros currículos de graduação

em saúde, como no caso do curso de Fonoaudiologia, ainda não há resolução específica que regularize a implementação de disciplinas que explorem necessidades e demandas específicas da comunidade LGBTQIAPN+.

As diretrizes nacionais para o curso de Fonoaudiologia não são atualizadas desde o ano de 2002, o que comprova a urgência em reestruturar as pautas, visando a inclusão da diversidade sexual e de gênero. O capítulo 2 da resolução regulamentadora do curso de Fonoaudiologia, o qual trata sobre as diretrizes a serem seguidas pelo projeto pedagógico, diz o seguinte:

Art. 3 – [...] O PPC deverá buscar a formação integral e adequada do estudante articulando ensino, pesquisa e extensão.

[...]

Art. 5 – O PPC deverá abordar os temas transversais que envolvam conhecimentos, vivências e reflexões sistematizadas acerca dos direitos humanos e de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, Transtorno do Espectro Autista (TEA), educação ambiental, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação das relações étnico-raciais e história da cultura afro-brasileira, africana, dos povos tradicionais e indígena, de acordo com a Resolução CNS nº 569, de 8 de outubro de 2017.⁴¹

Como é possível observar, é vago e generalista o conteúdo que trata da obrigatoriedade de inclusão da diversidade, especialmente no que se trata da diversidade sexual, que não é citada na diretriz. Isso reflete diretamente na conduta profissional, e no interesse em capacitar-se de forma adequada. Até mesmo a produção científica no curso de Fonoaudiologia tem se mostrado falha, como pode-se observar através deste estudo, que encontrou apenas um artigo realizado com enfoque na graduação em Fonoaudiologia.

Perante os fatos, afirma-se que é de urgência a incorporação da temática LGBTQIAPN+ nos projetos pedagógicos dos cursos da saúde, para que entre em debate, e através disso, compreenda-se as demandas específicas destes, a fim de minimizar falhas decorrentes da conduta profissional preconceituosa, estigmatizada e discriminatória.

Limitações do estudo

Por se tratar de uma revisão integrativa, os resultados referem-se apenas ao retrato da realidade investigada. Os estudos não disponíveis na íntegra também limitam o estudo por não ser possível coletar e compreender os dados em sua totalidade. O fato de muitos dos artigos se enquadrarem em baixo nível de evidência, baseado em amostras pequenas e não randomizadas, deixa clara a pouca relevância científica que recebem os dados que descrevem as práticas de cuidado à saúde da população LGBTQIAPN+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso promover oportunidades de aprendizagem e ações educativas capazes de conscientizar sobre a diversidade sexual e de gênero, bem como o respeito ao ser humano como um todo para que a LGBTQIAPN+fobia não faça mais parte do cotidiano na área da saúde.⁴² Para isso, é importante garantir que os profissionais que atuam no contexto da atenção à saúde e prevenção sejam efetivamente capacitados para atender essa população.

As evidências nesta revisão identificam lacunas na formação acadêmica, bem como na produção científica do curso de fonoaudiologia e dos cursos da saúde em geral, bem como destaca a importância da inclusão de pautas LGBTQIAPN+ nos currículos de graduação. Urge a necessidade de, não somente reconhecer que as pessoas inclusas na diversidade sexual e de gênero precisam de uma atenção, um olhar diferenciado, mas acolhê-los, e colocar em prática a integralidade, trazendo planejamento de políticas públicas e curriculares que sejam eficientes para capacitar os futuros profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

1. Barbosa CV, Neto JFDS. A desconstrução da heterocisnormatividade: o reconhecimento da identidade de gênero dos transexuais para a “transparentalidade” ou “parentalidadetrans”. *Revista de Direito de Família e Sucessão*. 2020;6(1):55-74.
<https://pdfs.semanticscholar.org/6341/a6fcc888028397b01a1c8aa8ea2fb950b1f7.pdf>.
2. Williams H, Varney J, Taylor J, Fish J, Durr P, Elan-Cane C. The lesbian, gay, bisexual and trans public health outcomes framework companion document. Public Health England. 2013.
<https://www.london.gov.uk/sites/default/files/LGBT%20Public%20Health%20Outcomes%20Framework%20Companion%20Doc.pdf>.
3. Chapman R, Wardrop J, Freeman P, Zappia T, Watkins R, Shields L. A descriptive study of the experiences of lesbian, gay and transgender parents accessing health services for their children. *Journal of clinical nursing*. 2012;21(7-8),1128-1135. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2011.03939.x>. PMID: 22288982.
4. Raimondi GA, Teixeira FDB, Moreira C, Barros NFD. (2019). Corpos (não) controlados: efeitos dos discursos sobre sexualidades em uma escola médica brasileira. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2019;43:6-26.
<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n3RB20180142>.
5. Galvão TF, Pansani TDSA, Harrad D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e serviços de saúde*, 2015;24:335-342. DOI: 10.5123/S1679-49742015000200017.
6. Røndahl G. Heteronormativity in health care education programs. *Nurse Education Today*. 2011;31(4):345-349.
<https://doi.org/10.1016/j.nedt.2010.07.003>. PMID: 20732729.
7. Zelin NS, Hastings C, Beaulieu-Jones BR, Scott C, Rodriguez-Villa A, Duarte C, et al. Sexual and gender minority health in medical curricula in new England: a pilot study of medical student comfort, competence and perception of curricula. *Medical Education Online*. 2018;23(1):1461513.
<https://doi.org/10.1080/10872981.2018.1461513>. PMID: 29717635.
8. Liang JJ, Gardner IH, Walker JA, Safer JD. Observed Deficiencies in Medical Student Knowledge of Transgender and Intersex Health. *Endocrine Practice*. 2017;23(8):897-906. <https://doi.org/10.4158/EP171758.OR>. PMID: 28534684.
9. Lu PY, Hsu ASC, Green A, Tsai JC. Medical students' perceptions of their preparedness to care for LGBT patients in Taiwan: Is medical education keeping up with social progress? *PLOS ONE*. 2022;17(7):e0270862.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0270862>. PMID: 35797357.

10. McKay M, De Santis J, Valdes B, Salani D. Prelicensure Baccalaureate Nursing Students' Attitudes, Beliefs, and Willingness to Care for Transgender Clients. *Journal of Nursing Education*. 2022;61(6):322-325. <https://doi.org/10.3928/01484834-20220404-10>. PMID: 35667106.
11. Grabovac I, Abramović M, Komlenović G, Milosević M, Mustajbegović J. Attitudes towards and knowledge about homosexuality among medical students in Zagreb. *Collegium antropologicum*. 2014;38(1):39-45. <https://hrcak.srce.hr/120780>. PMID: 24851595.
12. Chapman R, Watkins R, Zappia T, Nicol P, Shields L. Nursing and medical students' attitude, knowledge and beliefs regarding lesbian, gay, bisexual and transgender parents seeking health care for their children. *Journal of Clinical Nursing*. 2011;21(7-8):938-945. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2011.03892.x>. PMID: 22008095.
13. Unlu H, Beduk T, Duyan V. The attitudes of the undergraduate nursing students towards lesbian women and gay men. *Journal of Clinical Nursing*. 2016;25(23-24):3697-3706. <https://doi.org/10.1111/jocn.13347>. PMID: 27349619.
14. Bunting SR, Chirica MG, Ritchie TD, Garber SS, Batteson TJ. A National Study of Medical Students' Attitudes Toward Sexual and Gender Minority Populations: Evaluating the Effects of Demographics and Training. *LGBT Health*. 2021;8(1):79-87. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2020.0288>. PMID: 33316199.
15. Carvalhais M, Portovedo D, Oliveira M, Barbosa R, Costa S, Santos A, Torres A. Estudantes de enfermagem relativamente à comunidade LGBT: conhecimentos, atitudes e competência cultural. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*. 2020;3(2):61-73. <https://doi.org/10.37914/riis.v3i2.95>.
16. Brown C, Keller CJ, Brownfield JM, Lee R. Predicting Trans-Inclusive Attitudes of Undergraduate Nursing Students. *Journal of Nursing Education*. 2017;56(11):660-669. <https://doi.org/10.3928/01484834-20171020-05>. PMID: 29091235.
17. Ramachandran G, Aung KKM. The LGBT community-what healthcare professional students think. *Medical Journal of Malaysia*. 2019;74(27). Supplement 1.
18. Park JA, Safer JD. Clinical Exposure to Transgender Medicine Improves Students' Preparedness Above Levels Seen with Didactic Teaching Alone: A Key Addition to the Boston University Model for Teaching Transgender Healthcare. *Transgender Health*. 2018;3(1):10-16. <https://doi.org/10.1089/trgh.2017.0047>. PMID: 29344576.
19. Maruca AT, Diaz DA, Stockmann C, Gonzalez L. Using Simulation With Nursing Students to Promote Affirmative Practice Toward the Lesbian, Gay,

- Bisexual, and Transgender Population: A Multisite Study. *Nursing Education Perspectives*. 2018;39(4):225-229. DOI: [10.1097/01.NEP.0000000000000302](https://doi.org/10.1097/01.NEP.0000000000000302). PMid: 29924750.
20. Grosz AM, Gutierrez D, Lui AA, Chang JJ, Cole-Kelly K, Ng H. A student-led introduction to lesbian, gay, bisexual, and transgender health for first-year medical students. *Fam Med*. 2017;49(1):52-56. PMid: 28166581.
21. Lelutiu-Weinberger C, Pachankis JE. Acceptability and Preliminary Efficacy of a Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender-Affirmative Mental Health Practice Training in a Highly Stigmatizing National Context. *LGBT Health*. 2017;4(5):360-370. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2016.0194>. PMid: 28891750.
22. Cooper MB, Chacko M, Christner J. Incorporating LGBT Health in an Undergraduate Medical Education Curriculum Through the Construct of Social Determinants of Health. *MedEdPORTAL*. 2018;14:10781. https://doi.org/10.15766/mep_2374-8265.10781. PMid: 30800981.
23. Sanchez K, Abrams MP, Khallouq BB, Topping D. Classroom Instruction: Medical Students' Attitudes Toward LGBTQI+ Patients. *Journal of Homosexuality*. 2021;69(11):1801-1818. <https://doi.org/10.1080/00918369.2021.1933782>. PMid: 34185630.
24. Bear MD, Mukherjee SM, Goldsmith CAW. Transgender health education for pharmacy students and its effect on student knowledge and attitudes. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*. 2021;13(10):1351-1357. <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2021.07.011>. PMid: 34521531.
25. Sawning S, Steinbock S, Croley R, Combs R, Shaw A, Ganzel T. A first step in addressing medical education Curriculum gaps in lesbian-, gay-, bisexual-, and transgender-related content: The University of Louisville Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Health Certificate Program. *Education for Health*. 2017;30(2):108. DOI: 10.4103/efh.EfH_78_16. PMid: 28928340.
26. Elertson K, McNiel PL. Answering the Call: Educating Future Nurses on LGBTQ Healthcare. *Journal of Homosexuality*. 2020;68(13):2234-2245. <https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1734376>. PMid: 32162595.
27. Wahlen R, Bize R, Wang J, Merglen A, Ambresin AE. Medical students' knowledge of and attitudes towards LGBT people and their health care needs: Impact of a lecture on LGBT health. *PLOS ONE*. 2020;15(7):e0234743. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0234743>. PMid: 32609754.
28. Eckstein MA, Newsome CC, Borrego ME, Burnett A, Wittstrom K, Conklin JR. A cross-sectional survey evaluating transgender-related care education in United States pharmacy school curricula. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*. 2019;11(8):782-792. <https://doi.org/10.1016/j.cptl.2019.04.005>. PMid: 31227193.

29. Lima GP de, Soeiro ACV, Lira SCS. Saúde da população LGBT+: a formação em fisioterapia no cenário dos direitos humanos. *Fisioterapia Brasil*. 2021;22(3):346-364. <https://doi.org/10.33233/fb.v22i3.4615>.
30. Bleasdale J, Wilson K, Aidoo-Frimpong G, Gabriel SJ, Przybyla SM. Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Health Education in Healthcare Professional Graduate Programs: A Comparison of Medical, Nursing, and Pharmacy Students. *Journal of Homosexuality*. 2022;1-14. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2111535>. PMID: 35984396.
31. Safer JD, Pearce EN. A Simple Curriculum Content Change Increased Medical Student Comfort with Transgender Medicine. *Endocrine Practice*. 2013;19(4):633-637. <https://doi.org/10.4158/EP13014.OR>. PMID: 23425656.
32. Ton H, Eidson-Ton WS, Iosif AM, Sitkin N, Henderson S, Callahan EJ. Using a Retreat to Develop a 4-Year Sexual Orientation and Gender Identity Curriculum. *Academic Psychiatry*. 2016;40:796-801. <https://doi.org/10.1007/s40596-015-0474-y>. PMID: 26758739.
33. Thompson H, Coleman JA, Iyengar RM, Phillips S, Kent PM, Sheth N. Evaluation of a gender-affirming healthcare curriculum for second-year medical students. *Postgraduate Medical Journal*. 2019;96(1139):515-519. <https://doi.org/10.1136/postgradmedj-2019-136683>. PMID: 31826922.
34. Sherman ADF, McDowell A, Clark KD, Balthazar M, Klepper M, Bower K. Transgender and gender diverse health education for future nurses: Students' knowledge and attitudes. *Nurse Education Today*. 2021;97:104690. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2020.104690>. PMID: 33279814.
35. Leiria M. Formação de estudantes dos cursos de enfermagem, medicina e odontologia sobre saúde de pessoas LGBTI+: análise das diretrizes curriculares nacionais e desenvolvimento de instrumento para sua avaliação no currículo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2022. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234681>.
36. Cox B, Rosendale N, Avery A, Greene R. (2011, May). Supplemental curriculum in LGTB healthcare at New York University School of Medicine. *Journal of General Internal Medicine*. 2011;26:579-580.
37. Nama N, MacPherson P, Sampson M, McMillan HJ. LGBT Patients and Families Health Issues: Medical Students' Attitudes and the Inclusivity of Medical School. *Pediatrics*. 2018;142(1):791. <https://doi.org/10.1542/peds.142.1MA8.791>.
38. Hancock A, Haskin G. Speech-Language Pathologists' Knowledge and Attitudes Regarding Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) Populations. *American Journal of Speech-Language Pathology*.

- 2015;24(2):206-221. https://doi.org/10.1044/2015_AJSLP-14-0095. PMID: 25654222.
39. Faggiani N, Strozi G. Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>.
40. Brasil. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
41. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 610, de 13 de dezembro de 2018. Recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação Bacharelado em Fonoaudiologia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 73, 16 abr. 2019. p. 82. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso610.pdf>.
42. Dullius WR, Martins LB, Cesnik VM. Systematic review on health care professionals' competencies in the care of LGBT+ individuals. Estudos de Psicologia (Campinas). 2019;36. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180171>.